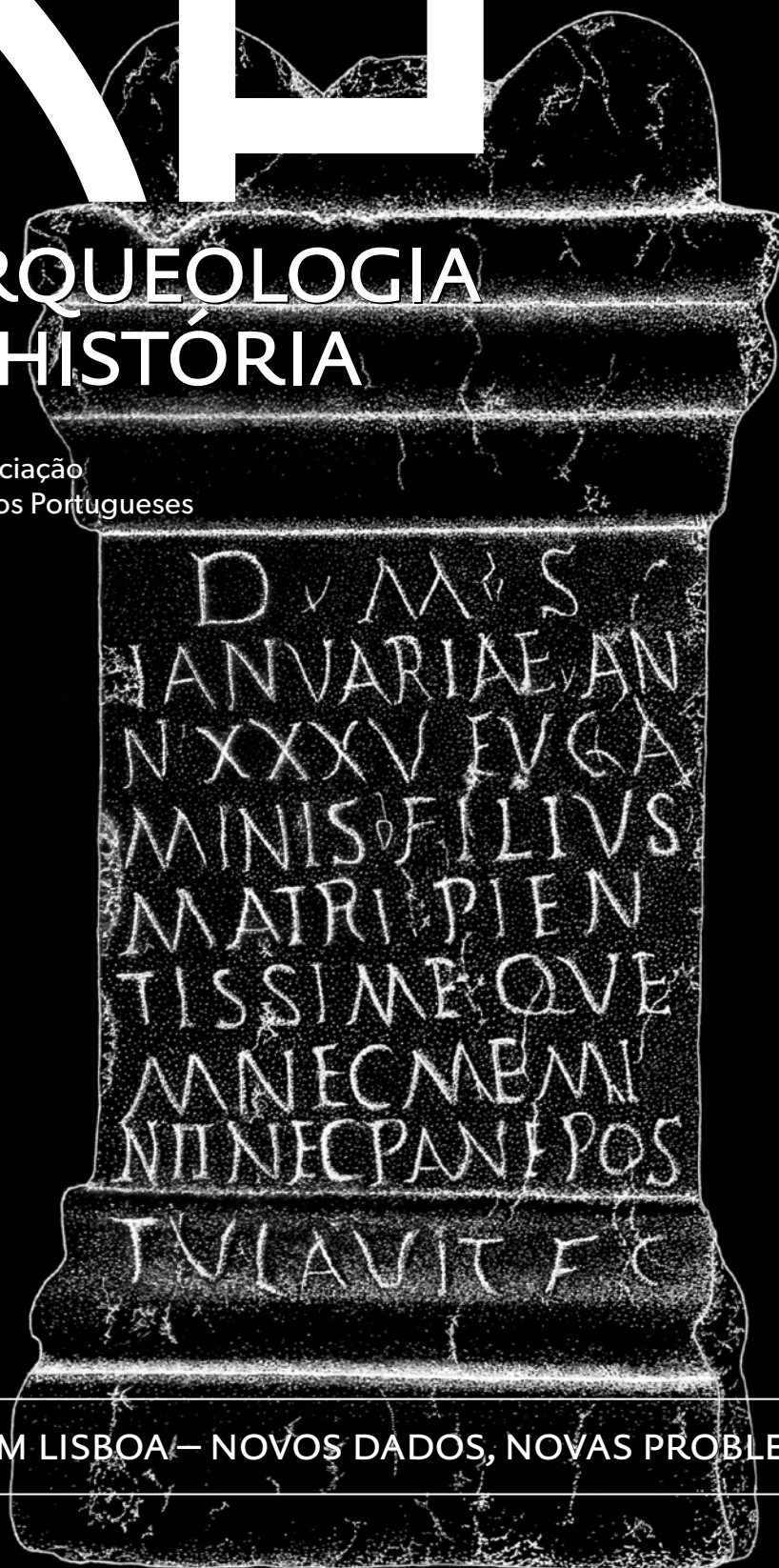


ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 71-72



A MORTE EM LISBOA— NOVOS DADOS, NOVAS PROBLEMÁTICAS

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

71-72

Ano de Edição

2022

Anos Associativos AAP

2019-2020

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e Andrea Martins

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia da capa

Ara funerária romana de Entrecampos (desenho César Neves)

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

5 Editorial

José Morais Arnaud

A MORTE EM LISBOA – NOVOS DADOS, NOVAS PROBLEMÁTICAS

9 A Morte em Lisboa – Novos dados, novas problemáticas

Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida

13 Morrer em Lisboa. Contextos e contributos arqueológicos

Margarida Ataíde

25 ‘*et sepultus est*’ – A multiplicidade da morte na Necrópole Noroeste de Olisipo

Sílvia Casimiro, Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves Cardoso

35 Biografias na Morte: visitar o Hospital Real de Todos-os-Santos, no séc. XVIII, através das evidências bioarqueológicas

Francisca Alves Cardoso, Sílvia Casimiro, Jennifer Loughton, Rodrigo Banha da Silva, Sandra Assis, Nicholas Marquéz-Grant

45 Os enterramentos do claustro do Convento do Santíssimo Rei Salvador (Santa Maria Maior)

Nathalie Antunes-Ferreira, Nuno Mota

57 Vida e morte das freiras do Convento de Santana

Nathalie Antunes-Ferreira

73 Espólios funerários do Convento de Santana em Lisboa (campanha de 2002-2003)

Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes, Carlos Boavida, Joana Gonçalves

91 As necrópoles da Igreja e Convento do Carmo: intervenção arqueológica (2013/2015)

António Marques, Raquel Santos

105 Enterramentos no Largo do Coreto em Carnide: vestígios do cemitério da Ermida do Espírito Santo

Susana Garcia, Ana Caessa, Nuno Mota

119 Debaixo do vão de escada: o inusitado conjunto osteológico humano do extinto Tribunal da Boa Hora, Lisboa

Marina Lourenço, Inês Simão, Lucy Shaw Evangelista, Catarina Furtado

ARTIGOS

133 Novedades de arte rupestre premagdalenense en el centro de la región cantábrica (España)

Ramón Montes Barquín, Roberto Ontañón Peredo

145 A exploração e consumo de laticínios na pré-história europeia: uma abordagem a partir das “queijeiras” do Ocidente Peninsular

Lucas Barrozo

159 O povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro (Azambuja). Notas sobre a campanha de escavação de 2019

César Neves, José Morais Arnaud, Mariana Diniz, Andrea Martins

185 Um novo epitáfio de *Olisipo*: a ara funerária romana de Entrecampos (Lisboa)

José Morais Arnaud, José d’Encarnação, César Neves

ARTIGOS. DO CARMO A SÃO VICENTE – PARTE II

193 Colóquio de homenagem a Fernando E. Rodrigues Ferreira (1943-2014)

Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida

- 195 Do Vicente ao Vencimento, um mosteiro e um convento. Dois contributos para a divulgação de dados histórico-arqueológicos
Carlos Boavida
- 207 Marfins afro-portugueses de São Vicente de Fora (séculos XV-XVI)
Mário Varela Gomes
- 219 Castidade ou penitência? O “cinto” em ferro do Mosteiro de São Vicente de Fora
Tânia Manuel Casimiro, António Augusto Branco
- 225 D. João VI – um caso de envenenamento revisitado
Sandra Coelho
- 235 S. Vicente de Fora – meio século de actividade arqueológica
Nuno F. Poínhas Pires

RELATÓRIOS

- 251 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2019
José Morais Arnaud
- 257 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2020
José Morais Arnaud
- 261 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2019
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 265 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2020
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 269 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2019. Plano de Actividades para o Ano 2020
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 273 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2020. Plano de Actividades para o Ano 2021
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 275 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2019
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 287 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2020
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 291 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2019
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 293 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2020
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 295 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2019
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 297 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2020
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 299 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VN3000). Relatório de Actividades do Ano 2019
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves
- 307 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VN3000). Relatório de Actividades do Ano 2020
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

CASTIDADE OU PENITÊNCIA? O “CINTO” EM FERRO DO MOSTEIRO DE SÃO VICENTE DE FORA

Tânia Manuel Casimiro¹, António Augusto Branco²

¹ HTC/IAP FCSH-Universidade Nova de Lisboa / tmcasimiro@fcsh.unl.pt

² Arqueólogo

Resumo

Durante as escavações do Carneiro do Mosteiro de São Vicente de Fora foi encontrado um objecto em ferro associado a uma fechadura, cujo tamanho e forma sugerem tratar-se de um cinto. A interpretação vigente é que se trataria de um cinto de castidade e assim permaneceu por mais de trinta anos. O presente artigo pretende relançar o debate em torno deste objecto, explorando a sua potencial importância.

Palavras-chave: Mosteiro São Vicente Fora, Cinto, Castidade, Penitência.

Abstract

During the archaeological excavations made in São Vicente de Fora Monastery an iron object was found associated to a locker. Its size and shape suggests that it could be used around someone's waist. The interpretation made by the archaeologists was of a chastity's belt an explanation which remained for over thirty years. This papers aims to discuss that interpretation and explore the real importance of such object.

Keywords: São Vicente Fora Monastery, Belt, Chastity, Penitence.

1. INTRODUÇÃO

Nos inícios da década de 1990 escavações arqueológicas no Mosteiro São Vicente de Fora levaram à escavação de diversas áreas. Entre aquelas foi identificado e escavado o suposto carneiro. Diferentes unidades estratigráficas foram identificadas com vestígios que resultaram da ocupação do espaço desde a Idade Média até ao século XVIII. A camada mais superficial correspondia às limpezas pós-terramoto (Figura 1). Ali foi reconhecida uma lixeira de grandes proporções onde foram recuperados muitos ossos humanos sem qualquer conexão anatómica que se associavam a cerâmicas de diferentes origens, metais, objectos em osso e marfim correspondendo ao lixo que seria produzido nas proximidades. A deposição secundária dos artefactos ali recuperados torna a sua interpretação cronológica difícil e apenas possível através da sua análise formal. Foi possível encontrar objectos semelhantes aos que têm sido recuperados em diversos locais de Lisboa desde o século XIV a meados do século XVIII.

O artefacto que aqui nos propomos a analisar foi recuperado no interior desta camada, pelo que impossível de atribuir a uma datação absoluta. Desta forma, a sua interpretação será sempre relativa. A sua classificação, enquanto cinto de castidade, foi feita pelos arqueólogos responsáveis pela intervenção arqueológica e nunca questionada desde então (Ferreira, 1983: 31). O objectivo do presente trabalho é lançar a discussão sobre a validade desta classificação e que outras possíveis interpretações poderiam ter sido feitas.

2. O ARTEFACTO

O objecto em questão trata-se de tira de ferro, dobrada em forma quase oval. Numa das extremidades sobreviveram os restos do que parece ser parte de uma fechadura (Figuras 2, 3 e 4).

Não foi possível, apesar das nossas tentativas, ter acesso directo ao artefacto, pelo que, além da observação na exposição do Mosteiro de São Vicente, temos de confiar na descrição e medidas obtidas e publicadas em 1983. O comprimento total do aro em ferro é de 48,5 cm e a sua largura de 2 cm. A largura da zona que parece ter sido a fechadura é de 5,8 cm e o seu comprimento 6,5 cm. Existe uma pequena alheta que cobriria a zona onde hipoteticamente entrava uma chave. O comprimento desta alheta é de 5,5 cm e a sua largura de 1,2 cm (Rodrigues, 1983: 31).

Ainda que já não restem evidências, a única referência escrita feita a este objecto menciona que ves-

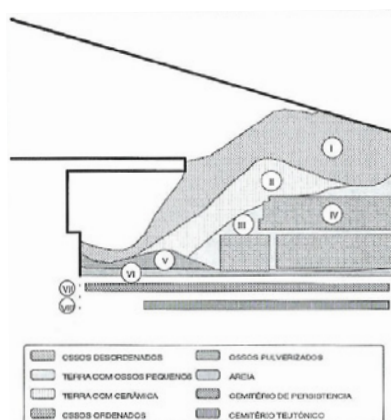


Figura 1 – Estratigrafia do carneiro. O suposto cinto foi recolhido na camada I.



Figura 2 – O cinto em ferro (fechadura).



Figura 3 – O cinto em ferro



Figura 4 – O cinto em ferro.

tígios de tecido foram encontrados junto ao aro, pelo que se sugere a possibilidade de ter sido revestido. No entanto temos de considerar que, se por alguma razão este objecto se encontrava associado a um esqueleto, possivelmente mesmo em torno da sua cintura (o que não pode ser descartado atendendo ao elevado número de ossos humanos ali encontrado), é possível que não fosse revestido, mas que os processos biocidas tenham preservado fragmentos da roupa ou mesmo da mortalha de um inumado. Formalmente parece ter sido feito para se adaptar anatomicamente a uma cintura e fechado com uma chave. No entanto será que a interpretação enquanto cinto de castidade deverá ser imediatamente assumida como a única explicação para este artefacto?

O contexto arqueológico não nos pode auxiliar na datação do objecto visto que poderá ter sido produzido em qualquer momento entre os séculos XIV e XVIII, pelo que teremos de o avaliar como tendo sido utilizado em qualquer momento ao longo desses cinco séculos.

3. OS CINTOS DE CASTIDADE: MITO OU REALIDADE?

Os cintos de castidade povoam o imaginário europeu desde os finais da Idade Média, imaginário esse que conheceu um incremento durante o século XIX, levando mesmo à criação de modelos que entraram em exposições como sendo erradamente medievais, tal como se acredita ser o caso do exemplar que se conhece em França, no Museu Cluny.

As primeiras referências documentais que se conhecem podem ter diversas interpretações. No século XV, em Itália, surgem as primeiras referências literárias com a menção à “chave da virtude” por norma dada por donzelas aos alvos da sua paixão (Classen, 2007: 16). No entanto, a chave poderia ser apenas metafórica e nunca ter tido uma representação física.

Alguns textos da mesma época, produzidos igualmente naquele território, referem a expressão latina *cingulum castitatis* o que tem sido interpretado como cinto de castidade, mas que não será mais que outra metáfora tais como o “escudo da fé”, o “capacete da salvação” e a “espada do espírito” (Classen, 2007: 93). A preservação da castidade seria sempre um acto de virtude, desejável e procurado.

Cesarius de Heisterbach, no século XIII, relatou a história de duas mulheres a quem foram colocadas bandas de ferro em torno da cintura por terem cometido pecados da carne. Contudo, não menciona se

aquelas foram temporárias ou permanentes ou se o intuito era castigá-las por essas bandas serem cintos de castidade, impedindo-as de cometerem novamente esses pecados, ou por as penitenciarem com mazelas da carne. Na hagiografia de St. William de Norwich, que viveu no século XII, conta-se como eram colocadas cintas de ferro em torno da cintura dos loucos, para os controlar (Daniell, 1996; 1997: 96). Ainda no *Livro das constituições e costumes que se guardam em os Mosteiros da Congregação de Santa Cruz de Coimbra* (III parte, capítulo VIII), publicado em 1558 menciona-se que “em cárcere ficavam soltos ou enjaulados alguns penitentes e segundo as qualidades das culpas, uns andam soltos outros em ferros, outros jazem no tronco...” Não se especifica que tipo de ferros eram estes e se colocados nos membros inferiores, no braços ou na cintura.

Não existe qualquer evidência documental de que o que se entende como um cinto de castidade, ou seja, um objecto metálico que seria colocado em torno da cintura, com o intuito de inibir o seu utilizador de ter relações sexuais, alguma vez tenha existido na sua forma física. Existem inclusive autores (Classen, 2007) que defendem que a sua utilização era impossível do ponto de vista medicinal e que a ser usado seria um objecto de tortura visto que a vida com ele seria impossível ao nível das funções fisiológicas humanas mais elementares.

4. OUTRAS EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS

Do ponto de vista arqueológico as evidências de bandas de ferro em torno da cintura são raras e sempre muito discutíveis.

Em Silves, um indivíduo do sexo masculino foi enterrado em local que corresponde hoje em dia ao Largo dos Mártires da Pátria, próximo da capela dos Mártires. A datação daquele enterramento não é fácil de definir, mas acredita-se que terá ocorrido entre os séculos XIV e XVI. Em torno da sua cintura foi identificada uma banda metálica em ferro, rebitada, pelo que usada em permanência e não tendo sido sequer retirada aquando da sua morte (Casimiro, Chanoca & Vieira, 2008). O reduzido diâmetro desta banda metálica sugere que o seu uso não seria confortável pelo que é provável que se trate do que tem vindo a ser interpretado como um cinto de penitência.

No cemitério medieval de St. Llandough, no País de Gales, um enterramento foi igualmente identificado com uma banda metálica em torno da cintura, ainda que o seu estado de destruição não permitisse com-

preender se permanentemente colocado em torno da cintura ou se de fácil e quotidiana remoção (Holbrook e Thomas, 2005). Um outro exemplar foi encontrado em St. Mary Merton, em Surrey, Inglaterra, que tem sido identificado como uma estrutura metálica que suportaria uma cinta, possivelmente contendo uma hérnia inguinal (Gilchrist & Sloane, 2005: 105). Outros cintos, ou bandas metálicas foram recolhidos em sepulturas em Espanha, França e Alemanha, não ascendendo a uma dezena em toda a Europa (Tardieu, 1993; Alexandre-Bidon, 1993).

5. DISCUSSÃO

O imaginário humano que nos acompanha ainda hoje em dia faz-nos sempre acreditar que quando encontramos uma banda metálica em torno da cintura de um esqueleto em contexto arqueológico, ou quando uma forma metálica se aproxima do que seria anatomicamente viável, este objecto é por norma associado a um cinto de castidade. Todavia, como vimos ao longo deste texto não existe qualquer viabilidade documental, iconográfica ou arqueológica de que esses objectos alguma vez tenha sido usados.

Uma das explicações que mais vezes tem sido dada a estes objectos relaciona-os com cintas que, associadas a atilhos em couro seriam fundamentais na contenção de hérnias e com um prático uso medicinal. No entanto, haveria necessidade de uma fechadura se fosse este o caso? Esta hipótese não parece muito plausível no presente caso.

Poderia ser um cinto de virtude? São conhecidos objectos tais como anéis, pulseiras e cintos que tinham orações gravadas e que funcionariam para lembrar constantemente aos seus utilizadores da virtude de terem junto de si uma oração, como mencionado na *Cruz de São Zacarias...* (1884). Mas porque seria necessário um cadeado em tal objecto. Também não nos parece viável.

Contudo, não podemos negar a existência de bandas em ferro, identificadas em torno da cintura de indivíduos encontrados enterrados em diversos pontos da Europa. Assumi-los como objectos destinados a salvaguardar a virtude dos seus detentores seria um enorme risco.

Documentalmente não se conhecem muitas referências a bandas ou cintos de ferro colocados em torno da cintura de homens ou mulheres, no entanto as poucas que se conhecem parecem relacionar-se mais com a penitência de quem praticou pecados do que necessariamente com uma castidade forçada. O já

mencionado Cesarius de Heisterbach relatou a história de duas mulheres a quem foram colocadas bandas de ferro em torno da cintura por terem cometido pecados da carne. Até porque a serem utilizados como cintos de castigo, certamente que não seria aplicados a homens ou mulheres que estivessem em liberdade, pelo que a clausura resolveria a questão da castidade. No entanto, como se removeria o cinto após o tempo de pena estar ultrapassado? Se pensarmos bem, a fechadura faz sentido neste caso.

Atendendo à falta de evidências acerca de cintos de castidade na Idade Média ou Moderna e ao desenvolvimento do imaginário medieval no século XIX é muito provável que este objecto não se trate de um cinto de castidade. Temos de assumir que, ao tratar-se de um cinto poderá ter sido um objecto de penitência. Nada impede que a fechadura não tivesse um carácter simbólico, lembrando o seu utilizador do que deveria trancar à chave, mas cujo objectivo seria sempre o de penitenciar o seu utilizador. A sua recolha no interior de um mosteiro, onde os religiosos poderiam, através do sofrimento, tentar estreitar a sua relação com a divindade, pode justificar a sua existência.

Não podemos negar a sua forma anatómica, que se adequaria a uma cintura fina. Poderão todas estas interpretações ser postas de lado e estarmos perante um grilhão de cintura, talvez para aprisionar um escravo ou um condenado que seria preso pela cintura e não pelo pescoço, pés ou mãos? Não devemos certamente ignorar essa possibilidade.

6. CONCLUSÃO

Desde inícios dos anos 90 que o objecto em ferro, cuja forma sugere tratar-se de um cinto com um cadeado, tem sido associado a um cinto de castidade. Contudo, esta interpretação, apesar de universalmente aceite e até agora não contestada, parece estar longe da verdadeira função do objecto.

Os cintos de castidade são construções simbólicas desenvolvidas no século XIX e não existem quaisquer evidências documentais ou arqueológicas que comprovem a sua existência. Por outro lado a referência a objectos colocados em torno da cintura, para castigar loucos e mulheres que cometessem pecados da carne, pode efectivamente justificar a existência de cintos metálicos com uma fechadura. Os poderes instituídos teriam autoridade para castigar indivíduos, condenando-os a utilizar estes objectos que ao magoar o corpo purificassem a alma.

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Nuno Pires do Núcleo Arqueológico de São Vicente de Fora, pela cedência dos dados sobre o contexto arqueológico e dos registos fotográficos.

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDRE-BIDON, Daniele (1993) – Le corps et son linceul. In *A Réveiller les morts. La mort au quotidien dans l'Occident médiéval*. Lyon: Presses universitaires de Lyon, pp. 183-206.

CASIMIRO, Tânia M; CHANOCA, Cristina; VIEIRA, Ana I. (2008) – Silves Pólis 2004-2006: duas necrópoles medievais cristãs. In *Xelb 8 – Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve*, Silves: Câmara Municipal de Silves.

CLASSEN, Albrecht (2007) – *The Medieval Chastity Belt: A Myth-Making Process. The New Middle Ages*. New York: Palgrave Macmillan.

Cruz de São Zacarias, salutar preservativo contra a peste e contágios (1884) – Porto.

DANIELL, Christopher (1996) – When penance continued in the grave. *British Archaeology*, 19.

DANIELL, Christopher (1997) – *Death and burial in medieval England*. London: Routledge.

FERREIRA, Fernando (1983) – Escavações do ossário de S. Vicente de Fora – seu relacionamento com a história de Lisboa. *Revista Municipal*, 4 – S. II – Ano XLIV. Lisboa, pp. 5-36.

GILCHRIST, Roberta; SLOANE, Barney (2005) – *Requiem. The Medieval Monastic Cemetery in Britain*. London: Museum of London.

HOLBROOK, Neil; THOMAS, Alan (2005) – An Early Medieval Monastic Cemetery at Llandough, Glamorgan: excavations in 1994. *Medieval Archaeology*. 49, pp. 1-92.

TARDIEU, J. (1993) – La dernière demeure: archéologie du cimetière et des modes d'inhumation. In *A Réveiller les morts. La mort au quotidien dans l'Occident médiéval*. Lyon: Presses universitaires de Lyon, pp. 223-244.

